

**A INTERDISCIPLINARIDADE COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA NA
EDUCAÇÃO**

INTERDISCIPLINARITY AS A TRANSFORMATIVE PRACTICE IN EDUCATION

**LA INTERDISCIPLINARIEDAD COMO PRÁCTICA TRANSFORMADORA EN LA
EDUCACIÓN**

Marta Coelho Bezerra Dantas

Mestra em Ensino em Saúde

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil

Vínculo Institucional: Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil

E-mail: martha_30ipeg@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5688263542829028>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1679-408X>

Francisco Renato Silva Ferreira

Mestre em Ensino em Saúde

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Altaneira/CE, Brasil

E-mail: renatoferreira@altaneira.ce.gov.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6775378848524040>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3977-0136>

Francisco Ercio Pinheiro

Mestrando em Ciências da Educação

Universidad del Sol – UNADES, Paraguay

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Juazeiro do Norte/CE,
Brasil

E-mail: erciopinheiro@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9132-8213>

Maria Elenilda Silva Felipe

Especialista em Metodologia do Ensino de História e Geografia

Faculdade de Educação São Luis, Brasil

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Juazeiro do Norte/CE,
Brasil

E-mail: elenildacivil@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0104-626X>

Kalyne Madeira Furtado

Mestranda em Ensino em Saúde

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil

Vínculo Institucional: Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil

E-mail: kalynemadeira.prof@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7745863558806433>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3255-4575>

Cilianne Édila Leandro de Sousa

Mestranda em Ensino em Saúde

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO

Vínculo Institucional: Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO

E-mail: dra.ciliannefro@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7421301624388108>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6465-5524>

Wesley Breno Silva Oliveira

Mestre em Educação Física

Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Brasil

Vínculo Institucional: Secretaria Estadual de Educação do Ceará, Brasil

E-mail: wesley.ef@outlook.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2602397940535119>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2441-3865>

Susan Nogueira Fernandes Belchior

Mestra em Ensino em Saúde

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Brasil

Vínculo Institucional: Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO

E-mail: susanbelchior@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1235709817945580>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7004-3925>

RESUMO

O presente artigo examina a interdisciplinaridade como prática transformadora no campo educacional, compreendendo-a como princípio ético, epistemológico e político que redefine o ato de ensinar e aprender. Fundamentado em Morin (2000), Fazenda (2011), Freire (2019), Ausubel (1982) e Giroux (2021), o estudo, de natureza qualitativa e caráter bibliográfico, reflete sobre os desafios contemporâneos da educação diante da fragmentação do saber e da urgência de um pensamento integrador. A análise das obras indica que a interdisciplinaridade não se limita à convergência entre disciplinas, mas expressa uma atitude diante do conhecimento e da vida, sustentada pelo diálogo, pela cooperação e pela consciência crítica. Ao promover a articulação entre saberes, contextos e experiências, ela fortalece a autonomia intelectual dos sujeitos e possibilita a construção de aprendizagens significativas, socialmente comprometidas e humanizadoras. Conclui-se que a interdisciplinaridade constitui um caminho potente para a reinvenção da escola e para a formação de cidadãos críticos, solidários e capazes de intervir de modo reflexivo na realidade.

Palavras-chave: Educação; Interdisciplinaridade; Transformação.

ABSTRACT

This article examines interdisciplinarity as a transformative practice in the educational field, understanding it as an ethical, epistemological, and political principle that redefines the act of teaching and learning. Based on Morin (2000), Fazenda (2011), Freire (2019), Ausubel (1982), and Giroux (2021), this qualitative and bibliographical study reflects on the contemporary challenges of education in the face of knowledge fragmentation and the urgency of integrative thinking. The analysis of these authors' works shows that interdisciplinarity goes beyond the convergence of disciplines; it expresses an attitude toward knowledge and life, grounded in dialogue, cooperation, and critical awareness. By promoting the articulation between knowledge, contexts, and experiences, it strengthens individuals' intellectual autonomy and enables the construction of meaningful, socially committed, and humanizing learning. It is concluded that interdisciplinarity constitutes a powerful path for reimagining schools and for shaping critical, supportive citizens capable of reflective action in reality.

Keywords: Education; Interdisciplinarity; Transformation.

RESUMEN

El presente artículo examina la interdisciplinariedad como práctica transformadora en el ámbito educativo, entendiéndola como un principio ético, epistemológico y político que redefine el acto de enseñar y aprender. Basado en Morin (2000), Fazenda (2011), Freire (2019), Ausubel (1982) y Giroux (2021), el estudio, de naturaleza cualitativa y carácter bibliográfico, reflexiona sobre los desafíos contemporáneos de la educación ante la fragmentación del saber y la urgencia de un pensamiento integrador. El análisis de las obras indica que la interdisciplinariedad trasciende la convergencia entre disciplinas y expresa una actitud frente al conocimiento y la vida, sustentada en el diálogo, la cooperación y la conciencia crítica. Al promover la articulación entre saberes, contextos y experiencias, fortalece la autonomía intelectual de los sujetos y posibilita la construcción de aprendizajes significativos, socialmente comprometidos y humanizadores. Se concluye que la interdisciplinariedad constituye un camino fértil para la reinención de la escuela y la formación de ciudadanos críticos, solidarios y capaces de intervenir de manera reflexiva en la realidad.

Palabras clave: Educación; Interdisciplinariedad; Transformación.

1. INTRODUÇÃO

A educação contemporânea tem sido interpelada por um conjunto de desafios que ultrapassam o campo técnico e atingem dimensões éticas, culturais e políticas do conhecimento. O avanço científico, o fluxo acelerado de informações e a complexidade dos fenômenos sociais exigem novas formas de pensar, ensinar e aprender. Em meio a esse cenário, a fragmentação dos saberes, herança do paradigma cartesiano, revela-se insuficiente para compreender a realidade em sua totalidade. A escola, ao se prender à lógica disciplinar rígida, corre o risco de formar sujeitos adaptados, mas não críticos, repetidores de conteúdos, mas não construtores de sentidos.

Nesse contexto, a interdisciplinaridade desponta como uma possibilidade de ruptura epistemológica e pedagógica. Mais do que uma metodologia, trata-se de uma atitude diante do conhecimento e da vida, uma forma de perceber o mundo em sua complexidade e de reconhecer que todo saber nasce de relações. Como sustenta Fazenda (2011, p. 49), “a interdisciplinaridade não é uma junção de disciplinas, mas uma atitude de busca e de abertura diante do outro e diante do conhecimento”. Essa perspectiva convida a escola a abandonar o isolamento disciplinar e a construir um espaço de diálogo, onde a matemática converse com a arte, a ciência dialogue com a ética e o humano reencontre o sentido do aprender.

Morin (2000, p. 42) observa que “todo conhecimento deve ser contextualizado, pois separado de seu meio e de suas relações, ele perde o sentido e se torna mutilado”. A afirmação do autor evidencia a urgência de repensar as práticas pedagógicas a partir da integração dos saberes e da compreensão dos fenômenos como totalidades complexas. A educação, nesse sentido, não pode ser reduzida à transmissão de informações estanques, mas deve constituir-se como um processo dinâmico, em que o aprender emerge do encontro entre o eu e o mundo, entre o sujeito e a sociedade.

A interdisciplinaridade, quando compreendida como prática transformadora, rompe a linearidade do ensino e amplia as possibilidades de construção coletiva do conhecimento. Ela provoca o professor a assumir o papel de mediador e pesquisador,

capaz de articular saberes diversos em torno de problemas reais, despertando nos alunos o desejo de compreender e transformar a realidade. Essa dimensão formativa é também emancipatória, pois, ao integrar os saberes, promove a autonomia intelectual e o pensamento crítico.

Paulo Freire (2019, p. 27) ensina que “ensinar exige curiosidade, disponibilidade para o diálogo e abertura à experiência do outro”. Ao valorizar o diálogo e a escuta, a interdisciplinaridade torna-se expressão viva dessa pedagogia libertadora, na qual o conhecimento é compreendido como construção coletiva e solidária. Não se trata, portanto, de somar conteúdos, mas de compreender o saber como prática social e histórica, capaz de formar sujeitos conscientes de seu tempo e de sua responsabilidade diante do mundo.

Com base nessas premissas, o presente artigo propõe analisar a interdisciplinaridade como prática transformadora na educação, compreendendo-a não apenas como uma estratégia pedagógica, mas como um princípio ético e epistemológico. Busca-se, assim, refletir sobre sua contribuição para a formação integral do educando, bem como sobre os desafios de sua efetivação nas escolas brasileiras. Trata-se de um convite à reflexão sobre o papel da educação na reconstrução do tecido humano e social, sob a ótica da integração e da cooperação entre os saberes, em consonância com uma visão de mundo mais justa, dialógica e solidária.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O Sentido da Interdisciplinaridade na Educação

A construção de uma prática educativa verdadeiramente transformadora passa, necessariamente, pela superação da fragmentação do saber e pela busca de uma compreensão integrada da realidade. A interdisciplinaridade, nesse contexto, não se reduz a um modismo ou a um discurso pedagógico de efeito; ela constitui um movimento de reconfiguração epistemológica e ética que visa recompor as ligações entre ciência, cultura e vida. Ao compreender o conhecimento como uma rede viva de

interações, o educador reconhece que ensinar é também um ato de articular sentidos, conectar experiências e promover o diálogo entre diferentes formas de saber.

Segundo Fazenda (2011, p. 59), “a interdisciplinaridade é uma atitude de humildade, de escuta e de aceitação da incompletude de cada área do conhecimento”. Essa perspectiva rompe com o ideal de totalidade fechado e afirma o caráter relacional da aprendizagem. Nenhum campo do saber é autossuficiente, e é na interação entre os diferentes que o conhecimento ganha densidade, profundidade e humanidade. Desse modo, a interdisciplinaridade se configura como um exercício de alteridade intelectual, em que a escuta e o reconhecimento do outro tornam-se caminhos de construção coletiva da verdade.

A concepção de Morin (2000) amplia essa compreensão ao propor o pensamento complexo como fundamento epistemológico para a educação contemporânea. Para o autor, “é preciso aprender a contextualizar, globalizar e articular o conhecimento, situando cada informação no tecido que a constitui e a ultrapassa” (Morin, 2000, p. 42). Essa reflexão remete à necessidade de compreender o real em sua multiplicidade e de reconhecer que os fenômenos não podem ser reduzidos a partes isoladas. O paradigma da complexidade exige uma nova forma de pensar, que una o analítico ao sensível, o racional ao intuitivo, o técnico ao ético.

Nessa perspectiva, a escola é chamada a transcender a lógica disciplinar e a tornar-se espaço de inter-relação entre os saberes. A interdisciplinaridade, enquanto princípio orientador da prática docente, rompe fronteiras e promove o diálogo entre linguagens, histórias, culturas e subjetividades. A formação do educando, assim, deixa de ser mera acumulação de conteúdos e passa a constituir-se como um processo de construção crítica, criativa e situada. Freire (2019, p. 81) reforça essa concepção ao afirmar que “a educação autêntica não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo”. Tal enunciação traduz, de modo profundo, o sentido dialógico da interdisciplinaridade, na qual o conhecimento é um encontro de experiências e de horizontes de significação.

O pensamento de Japiassu (1976) também é decisivo para compreender a gênese e a essência da interdisciplinaridade. Para o autor, ela representa “um esforço de recomposição do saber, uma tentativa de superar as barreiras artificiais que as especializações ergueram entre os diversos domínios do conhecimento” (Japiassu, 1976, p. 75). Essa recomposição não é apenas cognitiva, mas existencial, pois reflete uma postura de abertura, diálogo e cooperação diante da complexidade do mundo. Ao adotar uma prática interdisciplinar, o educador renuncia à centralidade do saber isolado e assume o papel de mediador, pesquisador e aprendiz permanente.

A abordagem interdisciplinar ainda implica a compreensão de que o ato educativo é histórico e socialmente situado. Cada contexto, cada sujeito e cada comunidade produzem saberes próprios, que devem ser reconhecidos como legítimos no processo de ensino e aprendizagem. A escola, portanto, torna-se o lugar privilegiado de encontro entre o conhecimento científico e o saber da experiência, entre a objetividade da razão e a subjetividade da vida cotidiana. Como destaca Freire (2019, p. 43), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Essa visão revela que a interdisciplinaridade não é apenas uma técnica pedagógica, mas uma ética da coexistência e da construção coletiva.

Ademais, o sentido da interdisciplinaridade na educação manifesta-se na valorização da curiosidade e da investigação. Ao estimular o estudante a problematizar, relacionar e interpretar os fenômenos de forma ampla, o educador desperta nele a consciência crítica e o desejo de compreender o mundo para transformá-lo. A aprendizagem, nesse horizonte, assume um caráter libertador, na medida em que permite ao sujeito perceber-se como autor do seu próprio percurso cognitivo.

Em síntese, a interdisciplinaridade traduz uma filosofia do conhecimento que integra razão e sensibilidade, técnica e ética, ciência e humanidade. Ela desafia o ensino tradicional e propõe uma nova tessitura curricular, mais aberta, colaborativa e significativa. Seu sentido profundo está em restituir ao ato educativo o caráter de

encontro, de criação e de esperança — aquilo que Freire (2019) chamou de “boniteza do saber”. Cultivar a interdisciplinaridade, portanto, é resistir à fragmentação e afirmar a vida como eixo da educação, numa prática que une saberes, histórias e sujeitos na construção de um mundo mais solidário e consciente.

2.2. A Interdisciplinaridade como Ato Político e Ético

Pensar a interdisciplinaridade apenas como um recurso metodológico seria reduzir sua potência transformadora e ignorar sua dimensão política e ética. Ela não se limita a uma técnica de ensino ou a uma reorganização curricular, mas constitui um projeto de humanidade, que coloca o conhecimento a serviço da vida e da justiça social. A integração entre os saberes, quando guiada por valores éticos, torna-se uma forma de resistência ao individualismo e à alienação que caracterizam as práticas escolares fragmentadas e burocratizadas.

A ação pedagógica interdisciplinar exige um compromisso ético com o outro e com a coletividade. Essa ética nasce do reconhecimento da incompletude humana e da consciência de que o saber é sempre construído na relação. Freire (2019, p. 45) ressalta que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, o que significa compreender o ensino como um encontro dialógico, no qual todas as vozes possuem legitimidade. A interdisciplinaridade, portanto, fundamenta-se nessa reciprocidade entre sujeitos, transformando o processo educativo em um espaço de partilha, escuta e emancipação.

No campo político, a interdisciplinaridade revela-se como uma prática de contestação às estruturas hierarquizadas do saber. Ela rompe com a lógica vertical da transmissão e convoca o professor a assumir uma postura crítica, investigativa e colaborativa. Segundo Giroux (2021, p. 63), “todo ato pedagógico é também um ato político, pois nele se decide quem pode falar, o que pode ser dito e como se constrói o sentido do mundo”. Essa afirmação explicita que não há neutralidade na educação, e que a escolha por práticas interdisciplinares é, ao mesmo tempo, uma escolha por uma pedagogia democrática e libertadora.

A ética da interdisciplinaridade manifesta-se, ainda, na valorização da diversidade epistemológica. Ao integrar diferentes áreas do saber, a escola reconhece que a ciência, a arte, a filosofia e os saberes populares podem dialogar e se complementar. Essa postura rompe com a hegemonia de uma única racionalidade e amplia o horizonte de compreensão da realidade. Como observa Fazenda (2011, p. 82), “a interdisciplinaridade é o exercício da humildade intelectual, da escuta e da disponibilidade para aprender com o outro”. Assim, o trabalho pedagógico deixa de ser domínio de especialistas e se transforma em uma experiência coletiva de construção do conhecimento.

Além disso, a prática interdisciplinar está intimamente ligada à ética do cuidado, pois considera o estudante como sujeito integral — dotado de razão, emoção, história e cultura. Morin (2000, p. 56) adverte que “a reforma do pensamento é inseparável de uma reforma da educação e da ética”, defendendo uma formação que desenvolva tanto a lucidez crítica quanto a sensibilidade solidária. Nesse sentido, o fazer pedagógico não se restringe à transmissão de conteúdos, mas assume a responsabilidade de formar cidadãos conscientes de sua inserção no mundo e comprometidos com sua transformação.

A dimensão política da interdisciplinaridade também se manifesta na luta contra as desigualdades educacionais e na defesa da escola pública como espaço de emancipação. Ao promover o diálogo entre diferentes saberes, ela combate a exclusão epistêmica e reconhece o valor das experiências sociais e culturais dos estudantes. Freire (1996, p. 89) destaca que “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade e a confrontação de pontos de vista diferentes”. Essa perspectiva traduz o caráter libertador da interdisciplinaridade, que vê no conhecimento um instrumento de transformação e não de dominação.

A ética que sustenta o trabalho interdisciplinar implica, portanto, um compromisso político com a vida e com a dignidade humana. Ela convida os educadores a repensarem o sentido de sua prática, substituindo a lógica da

competição pela da cooperação, e a hierarquia do saber pela partilha. Ao assumir essa postura, o professor torna-se sujeito político, capaz de intervir na realidade por meio do conhecimento e da solidariedade. Nesse horizonte, a interdisciplinaridade ultrapassa os limites da sala de aula e se torna uma forma de ação ética no mundo, pautada no diálogo, na sensibilidade e na esperança.

Em síntese, compreender a interdisciplinaridade como ato político e ético é reconhecer que educar é também um gesto de responsabilidade social. Trata-se de um projeto que articula saber e compromisso, ciência e humanidade, técnica e sensibilidade. Sua prática representa uma aposta na construção de uma escola que, ao integrar os saberes e valorizar o diálogo, possa reafirmar o papel da educação como força civilizatória e transformadora. Nesse sentido, a interdisciplinaridade não apenas ensina a pensar o mundo — ensina, sobretudo, a habitá-lo com respeito, consciência e amor.

2.3. Interdisciplinaridade e Aprendizagem Significativa

A aprendizagem só se torna verdadeiramente significativa quando o conhecimento é compreendido em sua relação com a vida. A mera transmissão de conteúdos fragmentados, isolados do contexto e das experiências dos alunos, resulta em um ensino mecânico, incapaz de gerar reflexão e sentido. Nesse horizonte, a interdisciplinaridade emerge como um caminho de integração cognitiva e afetiva, promovendo uma aprendizagem que dialoga com o cotidiano, com a cultura e com a realidade social dos estudantes. É nesse diálogo entre saber e experiência que o ato de aprender se transforma em um processo vivo, criador e libertador.

A teoria da aprendizagem significativa, proposta por Ausubel (1982), contribui de maneira essencial para compreender o valor da interdisciplinaridade. Para o autor, aprender significativamente implica relacionar novos conhecimentos com estruturas cognitivas já existentes, de modo não arbitrário e não literal. Nessa perspectiva, o conhecimento adquire sentido quando o aluno consegue estabelecer vínculos entre o que aprende na escola e o que vive fora dela. Como afirma Ausubel (1982, p. 44), “o

fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe: descubra-o e ensine-lhe a partir daí”. Essa concepção amplia a função do ensino e reconhece o papel ativo do sujeito no processo educativo, apontando para a necessidade de metodologias que valorizem a interação e a construção coletiva do saber.

A interdisciplinaridade, nesse contexto, atua como mediadora entre o conhecimento científico e o saber da experiência, proporcionando conexões que ressignificam o aprender. Quando as disciplinas dialogam entre si, o aluno deixa de memorizar informações e passa a compreender os fenômenos em sua totalidade. Essa relação integradora potencializa o desenvolvimento cognitivo, emocional e ético, pois favorece o raciocínio crítico e a capacidade de transferir o aprendizado para situações reais. Freire (2019, p. 41) reforça essa ideia ao afirmar que “ensinar exige apreensão da realidade”, indicando que o ato educativo deve estar enraizado nas vivências concretas e no contexto sociocultural do educando.

Em uma sociedade complexa e em constante transformação, o conhecimento interdisciplinar torna-se indispensável para formar sujeitos capazes de compreender e intervir criticamente no mundo. Morin (2000, p. 63) observa que “o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo, assim como o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes”. Essa interdependência traduz o cerne da aprendizagem significativa, pois evidencia que o saber não pode ser reduzido a fragmentos desconexos, mas deve ser compreendido como uma rede em movimento, tecida por múltiplas perspectivas e linguagens. Assim, a interdisciplinaridade não apenas enriquece o processo cognitivo, como também humaniza o ato de aprender, aproximando a escola da vida.

O trabalho pedagógico que se pauta na interdisciplinaridade possibilita que os estudantes construam significados por meio de situações concretas, investigativas e dialógicas. O professor, nesse processo, deixa de ser mero transmissor e torna-se mediador do conhecimento, alguém que provoca o pensamento, orienta a pesquisa e estimula a reflexão crítica. Fazenda (2011, p. 72) afirma que “ser interdisciplinar é

adotar uma postura de abertura, de diálogo e de integração entre os saberes e as pessoas”. Essa concepção reforça a importância da dimensão humana da aprendizagem, na qual o afeto, a escuta e o respeito ao ritmo de cada aluno são condições fundamentais para a construção de um conhecimento autêntico e transformador.

Além de favorecer a aprendizagem cognitiva, a interdisciplinaridade potencializa a formação integral do sujeito, ao integrar dimensões éticas, estéticas e sociais. O estudante aprende a pensar de forma complexa, a perceber as interdependências e a reconhecer a multiplicidade de olhares sobre o mesmo fenômeno. Tal postura amplia a consciência crítica e fortalece a autonomia intelectual, pois o educando passa a compreender que o conhecimento é uma construção coletiva e contínua. Nesse sentido, a aprendizagem significativa não se limita à assimilação de conteúdos, mas implica a capacidade de atribuir sentido à própria existência, vinculando o saber ao compromisso com a realidade.

Os resultados observados em práticas pedagógicas interdisciplinares mostram que alunos expostos a projetos integradores tendem a desenvolver maior envolvimento, curiosidade e criatividade. A integração entre áreas distintas, como ciências, artes, linguagem e matemática, amplia o repertório cultural e estimula a capacidade de resolver problemas complexos. Como defende Freire (1996, p. 89), “o conhecimento nasce da curiosidade, da inquietação e do desejo de compreender o mundo”. Ao despertar essa curiosidade, o ensino interdisciplinar se converte em um instrumento de emancipação, pois coloca o estudante como protagonista do próprio processo de aprendizagem.

Com base nessas reflexões, torna-se evidente que a interdisciplinaridade é elemento constitutivo da aprendizagem significativa. Sua essência está em possibilitar que o ato de aprender transcenda o acúmulo de informações e se transforme em experiência formadora, ética e sensível. Quando o aluno compreende o sentido do que aprende, o conhecimento ganha vida, torna-se parte de sua identidade e se converte em instrumento de transformação pessoal e social. A educação, nesse

horizonte, reafirma sua vocação humanizadora e libertadora, revelando que aprender é, antes de tudo, um ato de encontro — entre saberes, culturas e esperanças.

3. METODOLOGIA

A presente investigação desenvolve-se sob uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter interpretativo, tomando como base o entendimento de que a pesquisa em educação não se restringe à coleta de dados, mas constitui um exercício de reflexão crítica sobre as práticas e os sentidos do ensinar. Tal escolha metodológica decorre do reconhecimento de que a interdisciplinaridade, enquanto fenômeno educativo, não pode ser capturada por métodos quantitativos isolados, pois envolve dimensões simbólicas, éticas e epistemológicas que requerem interpretação, diálogo e compreensão contextual.

A pesquisa qualitativa permite analisar o fenômeno educativo a partir de uma perspectiva mais profunda e dinâmica, uma vez que considera o sujeito, o contexto e a complexidade das interações que constituem o ambiente escolar. Segundo Minayo (2014, p. 21), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças e dos valores, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações humanas”. Essa dimensão compreensiva orienta o trabalho investigativo, possibilitando uma leitura ampliada da realidade educacional e da função transformadora da interdisciplinaridade.

O estudo caracteriza-se, ainda, como uma pesquisa de cunho bibliográfico, por fundamentar-se na análise de obras e autores que discutem o tema em diferentes perspectivas teóricas. As contribuições de Edgar Morin (2000), Ivani Fazenda (2011), Paulo Freire (2019), David Ausubel (1982) e Henry Giroux (2021) foram essenciais para a construção de um referencial teórico capaz de sustentar a reflexão proposta. O diálogo entre esses pensadores permitiu compreender a interdisciplinaridade não apenas como uma estratégia pedagógica, mas como um princípio orientador da formação humana e da ação docente. A revisão de literatura, nesse sentido, não foi tratada como um simples levantamento de fontes, mas como um processo

hermenêutico e interpretativo, no qual as ideias desses autores se entrelaçam à análise crítica e reflexiva do pesquisador.

A natureza interpretativa desta pesquisa também se ancora na concepção de Freire (1996), para quem a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e compreender a realidade implica articular conhecimento e experiência. Assim, o caminho metodológico adotado buscou unir o rigor teórico à sensibilidade ética, reconhecendo que o ato de investigar é, simultaneamente, um ato de compromisso com a transformação social. O pesquisador, nessa perspectiva, assume o papel de mediador entre os saberes, interpretando as teorias a partir de sua inserção no contexto educacional e das práticas interdisciplinares que inspiram o campo da educação contemporânea.

Morin (2000) reforça essa postura ao afirmar que:

A pesquisa deve articular o conhecimento do todo com o conhecimento das partes, promovendo a recursividade entre o saber produzido e o contexto de sua aplicação, de modo que o conhecimento nunca se isole, mas se reconfigure continuamente no diálogo com a vida. É necessário reconhecer que o pensamento complexo não separa, mas religa; não reduz, mas integra; e é nesse processo que o conhecimento se humaniza, tornando-se consciente de suas próprias incertezas e aberto à construção coletiva do sentido (Morin, 2000, p. 71).

Essa concepção epistemológica orientou a condução do estudo, que se estruturou em torno da leitura crítica das fontes, da análise interpretativa e da síntese reflexiva dos principais conceitos abordados. O processo investigativo consistiu, portanto, em compreender a interdisciplinaridade como movimento de superação da fragmentação do saber, articulando teoria e prática, pensamento e ação.

A escolha pela pesquisa bibliográfica justifica-se pela relevância de revisitar obras clássicas e contemporâneas que fundamentam o debate sobre a educação como espaço de integração e transformação. Gil (2010, p. 45) destaca que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, permitindo ao pesquisador o aprofundamento teórico e a identificação de lacunas do conhecimento”. Essa

metodologia, além de garantir o rigor científico, possibilitou a análise comparativa entre autores, a sistematização das ideias centrais e a formulação de interpretações originais que sustentam a argumentação apresentada ao longo do artigo.

Durante o percurso analítico, priorizou-se a articulação entre as categorias conceituais de interdisciplinaridade, ética, política e aprendizagem significativa, tendo como eixo a construção de uma educação voltada à totalidade do ser humano. O processo interpretativo não se limitou a descrever concepções teóricas, mas buscou extrair delas implicações concretas para a prática pedagógica, reafirmando o compromisso da pesquisa com a transformação da realidade educacional. Assim, a metodologia adotada expressa o mesmo princípio que orienta o objeto de estudo: a integração entre saberes, a interdependência das dimensões humanas e a valorização do conhecimento como ato de emancipação.

A análise dos dados teóricos realizou-se mediante a leitura criteriosa das fontes selecionadas, confrontando-as com as exigências da educação contemporânea e com as políticas públicas que orientam o ensino brasileiro, especialmente as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular BNCC (Brasil, 2018), que reafirmam a interdisciplinaridade como princípio estruturante do processo educativo. O diálogo entre teoria e documento oficial ampliou a compreensão da pesquisa, revelando a necessidade de se repensar a escola a partir de um paradigma integrador, contextualizado e humanizador.

Em síntese, o caminho metodológico desta investigação buscou assegurar rigor analítico e coerência teórica, sem perder o caráter ético e reflexivo que a temática exige. A interdisciplinaridade, enquanto objeto e também método, foi compreendida como movimento de aproximação entre as áreas do saber, entre teoria e prática, entre pesquisador e realidade. Assim, a metodologia não se restringe a um procedimento técnico, mas assume a condição de postura epistemológica, de escolha ética e de compromisso político com a formação de sujeitos capazes de pensar e agir no mundo de forma crítica, solidária e transformadora.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos resultados obtidos por meio da pesquisa bibliográfica revela que a interdisciplinaridade se consolida como um dos eixos mais desafiadores e, ao mesmo tempo, mais promissores da educação contemporânea. As diferentes obras examinadas convergem na compreensão de que o ensino fragmentado, ainda predominante em grande parte das instituições escolares, não responde mais às exigências de um mundo globalizado, interdependente e plural. Em contraponto, o paradigma interdisciplinar surge como resposta crítica à compartimentalização do saber e à racionalidade técnica que, historicamente, têm restringido a educação à mera transmissão de conteúdos.

A leitura das contribuições de Morin (2000), Fazenda (2011) e Freire (2019) permite afirmar que a interdisciplinaridade constitui um projeto ético, epistemológico e político de reconstrução do pensamento. Morin (2000, p. 21) adverte que “a inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, disjuntiva e reducionista quebra o conjunto do complexo do mundo em fragmentos desunidos, fraciona os problemas e impede de pensar o global”. Essa crítica evidencia que o problema da educação moderna não é apenas metodológico, mas estrutural, pois decorre de uma concepção de conhecimento que separa o sujeito do objeto, o saber da vida e o pensamento da ação. Assim, o desafio da educação não está apenas em “ensinar mais”, mas em ensinar de outro modo, restabelecendo vínculos entre as áreas do conhecimento e entre o conhecimento e a existência.

Os dados teóricos apontam que a interdisciplinaridade é, ao mesmo tempo, uma necessidade e uma possibilidade. Trata-se de uma necessidade porque a complexidade do mundo contemporâneo exige sujeitos capazes de pensar de forma articulada e crítica; e uma possibilidade porque a escola, enquanto espaço de formação integral, pode promover encontros entre diferentes saberes, linguagens e experiências. Fazenda (2011, p. 84) sustenta que “ser interdisciplinar é um modo de ser e de estar no mundo, é aprender a viver com as diferenças e a construir pontes entre os saberes”. Tal afirmação desloca o conceito da mera técnica para o campo da

sensibilidade e da atitude, sugerindo que a interdisciplinaridade não se ensina — vive-se, pratica-se, experiencia-se.

Os fundamentos teóricos também revelam que o discurso da interdisciplinaridade enfrenta críticas legítimas. Muitos estudiosos alertam que o termo tem sido frequentemente banalizado, reduzido a slogan pedagógico ou a uma soma superficial de conteúdos. Essa prática esvaziada do sentido original, segundo Japiassu (1976, p. 75), “não transforma o pensamento, apenas o adorna com o discurso da integração”. Essa advertência é fundamental, pois recorda que a interdisciplinaridade exige rigor conceitual e envolvimento ético. Ela não se realiza pela imposição de projetos integradores artificiais, mas pela criação de espaços reais de diálogo e reflexão crítica no ambiente escolar.

A leitura comparada entre os autores evidencia, ainda, que a interdisciplinaridade está intimamente ligada à dimensão política da educação. Para Freire (1996, p. 69), “a neutralidade da educação é impossível: ela se faz sempre a favor de alguém ou contra alguém”. Essa constatação amplia o alcance do debate, mostrando que a interdisciplinaridade não é apenas um método de ensino, mas uma opção política por uma escola democrática, dialógica e humanizadora. O trabalho interdisciplinar, nesse sentido, expressa o compromisso com uma pedagogia da liberdade, em que o conhecimento é concebido como instrumento de transformação social e emancipação humana.

Outro aspecto revelado pela análise é a profunda relação entre interdisciplinaridade e aprendizagem significativa. Os estudos de Ausubel (1982) e Morin (2000) indicam que o aprendizado só adquire sentido quando o aluno é capaz de relacionar os novos conteúdos com seus conhecimentos prévios e com as experiências vividas. Essa relação é potencializada pela prática interdisciplinar, que rompe a rigidez das fronteiras curriculares e oferece ao estudante uma visão integrada da realidade. Freire (2019, p. 72) reforça essa ideia ao afirmar que “a educação precisa nascer da curiosidade, do espanto e da vontade de compreender o mundo”. Nessa perspectiva, a interdisciplinaridade se apresenta como uma pedagogia do

encantamento, na qual o aprender é atravessado por afetos, descobertas e responsabilidades.

É possível perceber, portanto, que a interdisciplinaridade não constitui uma simples alternativa metodológica, mas uma reforma profunda na concepção de ensino e de conhecimento. Ao promover a articulação entre os saberes, ela desperta no estudante a consciência de que todo conhecimento é construção coletiva e que aprender implica dialogar, comparar, reconstruir e significar. Morin (2011, p. 88) observa que “a reforma do pensamento é inseparável de uma reforma da educação e, ao mesmo tempo, de uma reforma da vida”. Essa reflexão confere à interdisciplinaridade um estatuto existencial: mais do que integrar disciplinas, ela propõe integrar o ser humano ao mundo, em um movimento contínuo de reciprocidade e criação.

Por fim, a análise dos resultados demonstra que a interdisciplinaridade, quando compreendida em sua plenitude, ultrapassa o campo pedagógico e alcança a dimensão ética da convivência. Ela ensina que o conhecimento não é monopólio de uma área, mas um território partilhado por todos aqueles que se dispõem a pensar juntos. A prática docente, nesse contexto, precisa ser repensada à luz da colaboração, da escuta e da sensibilidade, princípios que transformam o ato de ensinar em um gesto político e poético. A educação, então, reencontra seu sentido primeiro: o de formar sujeitos capazes de ler o mundo, transformar a realidade e construir, pela via do conhecimento, uma sociedade mais justa e solidária.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como propósito analisar a interdisciplinaridade enquanto prática transformadora no campo educacional, buscando compreender suas implicações éticas, políticas e epistemológicas na construção de um ensino mais crítico, significativo e emancipador. Partindo da constatação de que o modelo escolar tradicional permanece ancorado na fragmentação do saber e na reprodução de práticas descontextualizadas, a pesquisa propôs uma reflexão sobre a necessidade

de um novo paradigma pedagógico, capaz de integrar as diversas dimensões do conhecimento e da experiência humana.

Ao longo da investigação, constatou-se que a interdisciplinaridade não se restringe a um método de ensino, mas configura-se como uma postura diante do mundo e do próprio ato educativo. Sua essência está em promover o diálogo entre os diferentes campos do saber, articulando teoria e prática, ciência e sensibilidade, razão e afeto. Essa perspectiva exige um professor mediador e reflexivo, capaz de reconhecer a complexidade dos fenômenos educativos e de construir, junto aos estudantes, caminhos de aprendizagem que façam sentido no contexto social, histórico e cultural em que vivem.

Os resultados teóricos e interpretativos alcançados confirmam que a interdisciplinaridade representa um caminho potente para a formação integral do sujeito. Sua aplicação favorece o desenvolvimento do pensamento crítico, a autonomia intelectual e a compreensão da realidade em sua totalidade. Evidenciou-se que, quando incorporada à prática pedagógica de modo consciente e colaborativo, ela possibilita o rompimento com a lógica mecanicista e o surgimento de um ensino mais vivo, dialógico e criativo. Assim, a hipótese inicial — de que a interdisciplinaridade é um instrumento de transformação e de ressignificação da aprendizagem — mostrou-se plenamente válida, revelando sua relevância para o fortalecimento de uma educação comprometida com a vida e com a democracia.

A principal contribuição deste trabalho consiste em reafirmar a necessidade de compreender a interdisciplinaridade como princípio ético e formativo, e não apenas como estratégia didática. Tal concepção amplia o horizonte da ação docente, convidando educadores e gestores a repensarem o currículo e as práticas escolares sob o prisma da integração, da escuta e da cooperação. Ao propor essa reconfiguração, o estudo reforça a importância de políticas públicas e formações continuadas que preparem os profissionais da educação para o trabalho colaborativo e para a produção de saberes coletivos.

Embora a pesquisa tenha se baseado em revisão bibliográfica, as reflexões aqui desenvolvidas abrem novas possibilidades de investigação empírica, sobretudo no âmbito das práticas interdisciplinares aplicadas à educação básica e à formação docente. Estudos futuros podem explorar de que forma a interdisciplinaridade se concretiza em diferentes redes de ensino, quais os impactos sobre o desempenho dos estudantes e como ela pode dialogar com temas emergentes, como a educação inclusiva, a sustentabilidade e a cultura digital.

Em síntese, a interdisciplinaridade afirma-se como um dos caminhos mais promissores para reconstruir a educação em bases humanistas e integradoras. Ela devolve ao ensino o seu sentido original — o de formar pessoas capazes de pensar criticamente, agir com responsabilidade e conviver solidariamente. Reafirma-se, portanto, que educar é um ato de criação e de esperança: um gesto que une saber e vida, teoria e prática, professor e aluno, em um mesmo horizonte de transformação.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 1982.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 18. ed. Campinas: Papirus, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 64. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2021.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 24. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.